



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Uma incursão na etnofotografia como metalinguagem: da documentação da pesquisa de campo à visibilidade social de um *ethos* indígena do povo Akwe-Xerente do Tocantins¹

Adriana Tigre Lacerda NILO²
Universidade Federal do Tocantins, TO

Resumo

Este artigo aborda o modo pelo qual a etnofotografia (DOREA, 2009) pode configurar-se como metalinguagem à medida que atua tanto no registro etnográfico como instrumental metodológico de pesquisa de campo sobre um *ethos* indígena, quanto como imagem significativa, na perspectiva da Antropologia visual, por dar visibilidade a questões étnicas, ao documentar o povo Akwe-Xerente, do Tocantins (Norte do Brasil), integrante da Amazônia Legal. Discorre sobre o significado de uma proposta de exposição fotográfica sobre as novas ancoragens das tradições desses povos indígenas, (CERTEAU, 1994; THOMPSON, 2008), trazendo ao público essas formas de resistência à hegemonização cultural e à dominação política, exercidas pela sociedade e pela mídia cujas abordagens (re)produzem equívocos e acarretam em invisibilidades.

Palavras-chave: Ancestralidade, etnografia, etnofotografia, cultura indígena

INTRODUÇÃO

Para discorrer sobre a temática indígena, inicialmente como investigação de campo e, posteriormente, como tema da pesquisa em estágio pós-doutoral, que proporcionou a reflexão sobre a importância da documentação etnográfica e seus desdobramentos em uma proposta de exposição fotográfica, para visibilidade desta temática pouco e equivocadamente abordada pela mídia, devemos remontar ao percurso de cada etapa desse processo.

¹ Trabalho apresentado no GP Cultura, Meio Ambiente e Ancestralidade da XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

² Professora do curso de Jornalismo da UFT; email: adrianatln@uft.edu.br



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

O projeto intitulado “A cultura Xerente e o redimensionamento das tradições mediante a presença da mídia na aldeia Porteira no Tocantins”, do qual se originou o acervo etnográfico que resultou na proposta da exposição fotográfica, foi desenvolvido em duas etapas, entre 2009 e 2013, com orientações de pesquisa de iniciação científica, nos moldes de PIBIC e PIVIC, mediante a orientação de quatro planos de atividades dos então acadêmicos Ana Carolina dos Anjos, Camila Komatsuzaki, Cláudio Paixão e Elvivo Marques, do curso de Comunicação Social/Jornalismo, da UFT, em aldeias do povo Akwe-Xerente, a 20 km de Tocantínia, localizada a cerca de 80 km da capital do Estado, Palmas.

No decorrer da investigação dessas propostas, o registro audiovisual e fotográfico não se constituiu apenas em mero instrumento metodológico, cuja decisão apriorística sobre o ato de documentar viesse a ter mais significância que a posterior análise dos conteúdos revelados em forma de fotografia. Notadamente em um desses quatro projetos discentes, de autoria da então acadêmica Camila Komatsuzaki Fraga, cuja proposta era analisar “Contextos interativos na aldeia (Porteira) Xerente e a ressignificação da imagem”, evidenciava-se a importância da documentação de cunho etnográfico mediante a diversidade cultural da comunidade pesquisada.

Em outras palavras, a abordagem necessitava de um aparato teórico-metodológico de acordo com a cultura indígena em questão. Um dos objetivos dessa abordagem, em específico, era fazer um levantamento dos registros fotográficos mantidos pelos Xerente no âmbito da aldeia Porteira, analisando sua tipologia (fotos de família, de eventos indígenas ou daqueles nos moldes da sociedade envolvente; tais como de formatura na escola ou faculdade), bem como, qual o motivo da escola por cada uma dessas formas de documentação, tendo como critério de avaliação as variáveis “faixa-etária” e “grau de escolaridade”. Assim, ressaltamos que no conjunto dos projetos dos alunos de iniciação científica, sob orientação da mesma orientadora³, a documentação fotográfica era parte integrante da opção metodológica, não a tônica predominante do arcabouço teórico ou

³ Profª Drª Adriana Tigre Lacerda Nilo



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

do objeto de análise, a exemplo do projeto dedicado à investigação ressignificação da imagem.

Por questões ligadas à ética de pesquisa em ambiente de diversidade étnico-cultural, o ato de fotografar também não poderia ser a primeira atividade posta em prática. Dado o seu inexorável caráter intimista, a fotografia, à medida que possibilita, a alguém, materializar como sua (enquanto apreensão), uma imagem (humana, natural ou social) que é do outro ou tem outra origem, demanda um procedimento prévio à sua realização. Como argumenta Dorea (2009); “é possível dar um passo adiante e reconhecer que as fotografias, ademais de uma simples ilustração cultural, operam transformações nos sujeitos envolvidos em uma pesquisa e naqueles que buscam nelas sentidos e significados (DOREA, 2009, p.192)

Este é o caso do contexto indígena no qual, para não ser invasivo o pesquisador, ao estabelecer o contato explicando os objetivos da pesquisa, deve estabelecer uma relação de confiança para vir a obter autorização expressa (em termo de livre consentimento) para que representantes de outra cultura possam apreender imagens que não sejam as deles próprios ou próprias deles; no máximo de sua propriedade em termos de direitos autorais. Ao adotar este critério, mudamos a conotação do material produzido, pois em vez de concebemos como tendo sido “retirado” dos indígenas, esta documentação pode trazer um valor simbólico para à comunidade e também agregado às produções técnicas e teóricas resultantes da pesquisa.

Esta é a discutida tensão entre o ser que fotografa e o que é fotografado, considerando-se aqui o momento da captação e, em seguida, o da aparição “revelada”, materializada na forma impressa ou digital. Além disso, advém dessa relação a polissemia que emana desde os possíveis significados sobre “quem, como e por que (?) fotografa” e “quem, como e porque” (?) se deixou fotografar; até os vários sentidos emanados/percebidos da/na fotografia, observando-se o que ela traz à tona na cena fotografada.

Diante do exposto, utilizamos inicialmente, na metodologia do contato, desde o método da observação e do diálogo, na interação espontânea com a comunidade, procedimento este fundamental no trabalho de campo com uma cultura linguisticamente



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

caracterizada pela oralidade. Na primeira fase da pesquisa, realizamos um levantamento do perfil da comunidade, principalmente no que dizia respeito ao modo pela qual interagia com meios de comunicações convencionais, com a internet e com os aparatos tecnológicos gradativamente acessíveis aos indígenas, em geral.

Entre os objetivos da pesquisa, estavam: 1) atualizar o mapeamento das atividades cotidianas, vivenciadas na aldeia, relacionando-as aos seus respectivos contextos interativos, considerando as prováveis mudanças na forma do contato estabelecido com a mídia e demais recursos de convergência tecnológica, ocorridas após primeiro levantamento dados até o término do projeto de pesquisa e 2; Com base no levantamento dos meios de comunicação disponíveis em cada um das moradias, verificar; a) o tipo de mídia, b) a frequência da audiência, c) o veículo, d) o tipo de programação (entretenimento ou informativa) e e) os nomes dos programas mais assistidos, analisar as formas de recepção, ou seja, o entendimento dos programas mais citados.

Acompanhando, ao longo de quatro anos, algumas das atividades desenvolvidas pelos índios Xerente da aldeia Porteira, constatamos o processo de *ressignificação das tradições* também conforme entende Coutinho (2005), como reconstrução do passado mediante as condições sociais do presente. Deste modo, essa reelaboração de formas culturais do passado seria compreendida como uma *Aufhebung*. Segundo o mencionado autor, trata-se de uma expressão de Hegel para se referir ao inexorável processo de “conservação, eliminação e renovação” de costumes.

Constatamos uma mudança de postura, a partir do empoderamento dos recursos técnicos e tecnológicos de comunicação, por meios dos quais, os Xerente passaram a registrar a cultura do povo Akwe, na condição de protagonistas da sua história. Um exemplo disto foi a iniciativa de gravação de cantos dos rituais fúnebres e de batismo masculino e feminino do povo Akwe Xerente, em CD, no álbum fonográfico “Watô za inökre (Eu vou cantar), lançado em dezembro de 2012, no Centro de Memória Xerente, em Tocantínia. Assim foi possível constatar que os indígenas continuam a se dedicar ao cultivo presencial destas tradições, ao mesmo tempo em que, usam aparelhos



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

eletrônicos, como o celular, as máquinas fotográficas ou as filmadoras ⁴ para registrar suas vivências culturais sob os seus pontos de vista.

Diante desse contexto, no decorrer da investigação, paralelamente, passamos a realizar a documentação audiovisual e a etnofotográfica, em relação às quais discorreremos mais tanto sobre a importância do processo de captação quanto às razões pelas quais procedemos à edição de produtos folkcomunicacionais gerados a partir da pesquisa científica.

No desenvolvimento da pesquisa, conforme explicamos, a documentação fotográfica atuou principalmente como um instrumento metodológico, no conjunto da abordagem etnográfica. Era o modo pelo qual, na condição de pesquisadores, dizíamos: “estamos aqui, registrando como vocês indígenas, Akwe-Xerente vivem, qual é o seu modo de ser e de estar no mundo, porque queremos conhecê-los, vivenciar, estudar e entender a sua cultura”.

Seguindo os propósitos desse estudo de integrantes da etnia mais populosa, entre os povos indígenas do Tocantins, a fotografia etnográfica documentou desde as atividades cotidianas até ocasiões especiais, nas quais alguns costumes, como a pintura corporal e a dança, são vivenciados em determinados rituais (de batismo, por exemplo) que preservam as tradições ancestrais.

Desta forma, no decorrer da pesquisa, as observações, discussões e considerações sobre os objetivos propostos de identificar os modos de presença da mídia e a sua interferência na chamada nova ancoragem das tradições ancestrais indígenas, utilizamos os diversos instrumentais metodológicos, anteriormente referidos, os quais a documentação fotográfica integrava. Se por um lado, as fotos nos davam a conhecer mais e melhor aquele povo, porém este efeito de sentido não as tornasse visíveis no mundo social da sociedade envolvente.

Embora desempenhassem uma função extremamente significativa, ao aguçar a nossa percepção da realidade indígena investigada, ampliando simbolicamente o nosso campo de visão da temática investigada; por se delimitarem ao âmbito da pesquisa,

⁴ Segundo questionário aplicado na comunidade, das 36 questionadas, de 6 famílias possuem esse tipo de equipamento.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

atuavam na função coadjuvante à descrição verbal dos estudos. Dizendo de outro modo, eram condicionadas ao processo da retextualização, pelo qual uma tessitura transformava-se em outra, ou seja, a linguagem iconográfica era condicionada à linguagem escrita predominante no processo de investigação.

No entanto, alguns desses condicionantes que delimitaram o papel da documentação fotográfica, tais como a instrumentalização metodológica e a imposição do formato de relatórios e artigos, elaborados pelo uso da língua escrita, como padrão da produtividade acadêmica, nos levaram a encontrar um modo pelo qual a fotografia viesse a ter amplitude na sua forma de visibilidade, com o status de Olhar sobre uma determinada realidade, a partir da modalidade exposição fotográfica, sobre cuja proposta vamos pormenorizar adiante.

A opção por este uso da linguagem fotográfica está baseada, conforme argumenta Sautchk (s/d,p.3), de que:

A fotografia passa então a exercer outro tipo de efeito – antes de buscar respostas, **ela parece suscitar perguntas**. Como se sabe, esse é um preceito maior para Cartier-Bresson, que Milton Guran (2000, p. 158) retoma, acrescentando que a fotografia tem um interesse antropológico justamente porque obriga a uma percepção de mundo diferente daquela dos outros métodos de pesquisa, como a observação ou o registro dos discursos. **(Grifo nosso)**

Nessa linha de pensamento destaca-se como propriedades perceptivas singulares da fotografia a sua capacidade de levantar questões. Assim, além de significar no âmbito intrínseco à pesquisa, as fotografias a cada montagem desta exposição passariam a ser vistas sob novas perspectivas. Nesse sentido, concordamos com Sontag (2004) quando diz que “Cada foto é um momento privilegiado, convertido em um objeto diminuto que as pessoas podem guardar e olhar outras vezes” (SONTAG, 2004 apud DOREA, 2009, p.141)

Desse modo, divulgadas em forma de exposição temática, dedicada aos povos indígenas, as fotografias podem sensibilizar e propiciar um conhecimento do Ethos Akwe-Xerente para um público maior que, muito provavelmente, de outra forma não



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

entraria em contato com esses indígenas, nem teria informações relevantes sobre eles pela mídia convencional.⁵

Portanto, a documentação etnofotográfica, que no seu nascedouro constitui-se como parte integrante da nossa metodologia de pesquisa, no desfecho do processo de investigação possibilitou esta proposta da exposição de fotografias, cujo arranjo estético permite à linguagem visual um lugar de destaque. Sendo assim, contemplamos as duas funções exercidas pela fotografia na documentação etnográfica, pela qual se configurou o seu caráter de metalinguagem.

CONTEXTUALIZANDO O CENÁRIO DOS POVOS ORIGINÁRIOS

Os Xerente ainda preservam suas atividades de plantio e pesca, para sustento de suas famílias, nas cerca de 60 aldeias da etnia. Mas, gradativamente, assimilam o estilo de vida da sociedade envolvente, principalmente, no que diz respeito à convivência com as instituições formais de ensino (bilíngues nos níveis básico e fundamental) e a atuação técnica e/ou política, considerando-se a propensão dos jovens da etnia em cursar universidade e o fato de algumas lideranças ocuparem cargos no poder legislativo local ou no executivo estadual, principalmente nas áreas de Educação e Saúde, nas quais as comunidades apresentam maior carência de atenção por parte do poder público.

O mais relevante à nossa observação é a forma pela qual procedem à nova ancoragem da tradição, ou seja, cultivam os saberes da tradição hermenêutica, dos pais aos filhos, e adotam também as tradições de pertencimento a uma sociedade a cada dia mais digital e multimídia. Portanto, por um lado, eles mantêm as tradições da pintura corporal e do rico artesanato com o capim dourado (de utilitários aos decorativos) e, ainda, dos rituais de casamento e batismo. E, por outro lado, estes costumes não são

⁵ Outro fator muito relevante que reforçou a pertinência de ampliar o olhar (além do espectro aldeias de Tocantínia-UFT/TO) sobre as questões dos indígenas do estado foram as constatações da pesquisa (Pós-Doc): “A Cobertura da temática Indígena na TVE-TO: a narrativa da televisão pública e a representatividade dos Conselhos; Indigenista Missionário, CONPIT (Conselho Estadual de Políticas Indígenas do TO) e Curador (televisivo)”. Referimo-nos à verificação do “descumprimento do papel social desta emissora, quanto ao dever de reconhecer a singularidade da diversidade étnica-cultural indígena, fortemente presente no estado do Tocantins, e do outro, por parte do movimento indígena, a negligência em reivindicar o seu direito à visibilidade das suas pautas” (NILO, A.T.L, 2017).



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

mais vivenciados apenas no contexto da interação presencial, no qual somente os anciãos tinham o papel de guardiões da memória (ALBERTI, 2004), mas em contextos interativos cada vez mais distendidos no tempo e no espaço, à medida que adotam o registro audiovisual e o uso da internet (GALLOIS e CARELLI, 1998).

A PROPOSTA DA EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA COMO VISIBILIDADE À QUESTÃO INDÍGENA

Colocar em exposição fotográfica um povo indígena é um convite ao desafiante exercício de olharmos para o outro, no que ele tem diferente e, concomitantemente, olharmos para todos nós brasileiros (indígenas ou não), na condição de Nação pluriétnica, no intuito de compreender, paradoxalmente, a diversidade na unicidade.

Para ambas as perspectivas, precisamos lançar um olhar diacrônico, que considere o percurso de um processo histórico de mais de quinhentos anos, assim como de um observar sincrônico, que perceba os efeitos do passado no atual contexto de luta dos povos originários, reunindo essas dimensões nas reflexões acadêmicas e intervenções sociais, no âmbito dos estudos da interface da Comunicação & Cultura e, notadamente, na área da Folkcomunicação voltada à temática da ancestralidade.

Por isso, mostrar é uma forma de (re)conhecer e não esquecer. Nesta perspectiva, preservar a memória cultural indígena⁶ significa prestar uma contribuição ao não esquecimento, conforme defende a antropóloga Carneiro da Cunha (2012). Sabemos que em todo processo de dominação sócio-política e econômica, as tentativas de silenciar e/ou tornar invisível determinadas temáticas, como a indígena, têm forte dimensão histórica e, entre outros efeitos de sentido, o de minimizar a presença ou até mesmo retirar de cena os representantes sociais de uma, outrora, maioria, hoje relegada à condição de minoria.

Ainda que, em tese, os indígenas tenham garantias legais dos seus Direitos assegurados na Constituição Brasileira, de 1988, e jurisprudência internacional. Na,

⁶ Considerando que não há referência a povos do Tocantins no âmbito da etnografia que foi catalogada em um levantamento sobre o significativo panorama dos trabalhos de fotógrafos profissionais dedicados à documentação de etnias brasileiras, intitulado Iconografia Fotográfica dos Povos Indígenas (WEN,L; HUPSEL,R; CAMPOS,R, 2012)



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

realidade os indígenas brasileiros são vítimas de mais diversas formas de violência, a exemplo dos impactos no meio ambiente dos interesses do agronegócio, representados nacionalmente pela bancada ruralista no Congresso. Além disso, são os mais atingidos pelos impactos de projetos desenvolvimentistas, que arrancam e relocalizam as populações nativas do seu habitat natural, sem a devida consulta, que lhes é assegurada pela Convenção 169, da OIT (1989), e reforçada pela Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos Indígenas (2007).

O direito à consulta, à participação social e à autodeterminação integram um dos eixos das diretrizes nacionais das políticas públicas para os povos indígenas. Trata-se de uma infração às conquistas legais dos povos originários que, inclusive, em relação ao Meio Ambiente, sempre demonstraram um nível de consciência ecológica e de vivência integrada à natureza, de forma a preconizarem o teor do que hoje embasa algumas das atuais diretrizes em prol da (etno)sustentabilidade do planeta (DEMARCHI, 2015).

Deste modo, para dar visibilidade às questões indígenas, importa-nos socializar elementos da cultura do povo Akwe-Xerente, por ser a etnia mais populosa deste estado⁷, com cerca de 4 mil nativos, cujo modo de existir e estar no mundo resiste às adversidades das condições de vida, ao mesmo tempo em que reinventa novas ancoragens para suas tradições (CERTEAU, 1994; THOMPSON, 2008).

Assim, propomos por em cena o registro fotográfico de cunho etnográfico nesta exposição que reúne cerca de 30 fotografias das aldeias Porteira, Brupé e Brejo Comprido. Vislumbramos, portanto, mais o valor simbólico e epistêmico das imagens, em relação ao que representam e dão a conhecer, do que propriamente o seu caráter estético na forma de apreensão da realidade retratada (AUMONT, 1993).

Para efeito de montagem da exposição, segmentamos algumas das diversas tradições desse povo, que se encontram absolutamente inter-relacionadas na vida cotidiana. Assim; costumes e rituais, crianças e jovens, pintura corporal, artesanato,

⁷ Segundo, o antropólogo Demarchi (2015), no estado existem 6 povos: 1) Akwe-Xerente, 2) Mehin-Krahó, 3) Pahin-Apinajé, 4) Iny-Javaé, 5) Karajá-Xambioá e 6) Krahó-Kanela. Porém, levando em conta a chamada auto-definição dos povos, assegurada pela Convenção da OIT 169, os seus nativos se encontram assim reconfigurados em dez etnias: Xerente, 2) Javaé, 3), Apinajé 4) Karajá, 5), Karajá-Xambioá 6) Krahô, 7) Krahô-Takaywrá. 8) Krahô-Kanela, 9) Kanela do Tocantins e 10) Avá-Canoeiro.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

recepção midiática e empoderamento tecnológico, constituem partes de um todo revelador do *ethos* Akwe-Xerente, no modo de ser deste povo e de estar no mundo. Com a intenção de vislumbrar o efeito Punctum⁸ atribuído ao que a fotografia pode suscitar a quem a vê, colocamos a seguir algumas fotos destes sub-temas anteriormente apresentados:



Entre sombra e luz - o olhar de um pequeno Akwe Xerente, por: Camila Komatsuzaki

⁸ *Punctum* é um conceito criado por Roland Barthes referente à capacidade da fotografia de tocar o observador “independentemente daquilo que seu olhar busca” (ENTLER,2006 apud DOREA, 2009, p.14)



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018



A pintura corporal (*Dasiwawize*) na pele de Devanir Sawrepte, por: Adriana Tigre



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018



Manoel Moreno Xerente (Aldeia Salto). Realidade pulsante: tradição e tecnologia; por: Élvio Marques

CONSIDERAÇÕES (CONTÍNUAS) QUASE FINAIS

Esta paisagem indígena, seus cenários, o modo de ser e estar dos seus protagonistas infantis e anciãos integram a proposta da exposição Akwe-Xerente do Tocantins-um *ethos* indígena e a nova ancoragem da tradição. No circuito deflagrado há apenas 12 meses, a primeira montagem aconteceu no I Seminário Latino-americano de estudos em Comunicação e Cultura (SEMLACULT), promovido pelo CLAEC em parceria com a UNILA, em junho de 2017, em Foz do Iguaçu. Neste contexto, a temática apresentada pela exposição alinhou-se à discussão sobre “A Mundialização da cultura na globalização e os processos decoloniais na América Latina, tema central do referido evento. Na sua segunda montagem, na XII Conferência Brasileira de Mídia Cidadã realizada na UFJF, em Juiz de Fora/MG, entre os dias 25 e 27, inseriu-se nos debates sob o tema central “O Direito à Comunicação na luta por uma cidadania ativa”, na qual as minorias sociais tem um papel fundamental. Já na sua terceira montagem, a exposição aconteceu no 17º Encontro Nacional dos Professores de Jornalismo, ENPJ,



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

entre os dias 18 e 20 de abril, em Palmas/TO, organizada pela ABEJ em articulação com o curso de Jornalismo da UFT. Pela natureza do evento, as reflexões envolveram as relações do ensino com a pesquisa e a extensão, na tríade que constitui a atuação das universidades. Na iminência da 4ª montagem, na ocasião da XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação, realizada este ano na Universidade Federal do Amazonas, em Parintins, apresentamos mais uma vez esse acervo, expondo essas imagens que serão ressignificadas nesse contexto, onde também é marcante a presença indígena, mediante o olhar de cada um e a perspectiva do evento nas suas dimensões política, científica e cultural.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **Ouvir Contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro/ RJ: Editora FGV, 2004.

AUMONT, J.A **Imagem**. São Paulo/SP: Papirus,1993

BRIGGS, A. **Uma história social da mídia: de Gutemberg à Internet**. Trad.de Mª Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro/RJ: Jorge Zahar, 2000.

CAMPOS, R S. **Fotografia e alteridade: Os limites das linguagens na experiência etnográfica**. Dissertação de mestrado em Antropologia Social, Universidade de Brasília, 2009

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo/SP: EDUSP, 1997. p.283-350:Culturas híbridas, poderes oblíquos.

CARNEIRO da CUNHA **.Políticas culturais e povos indígenas**. Manuela Carneiro da Cunha e Cesarino, Pedro de Niemeyer (Orgs).São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

_____. **Índios do Brasil- História, Direitos e Cidadania**.1ª edição. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

COUTINHO, E. G. **Os sentidos da Tradição in Comunicação e Cultura**. (Orgs. Alexandre Barbalho, Raquel Paiva. São Paulo/SP: Paulus, 2005.

CERTEAU, M de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.

DEMARCHI, A;MORAIS, O. Mais algumas idéias equivocadas sobre os índios ou que não deve mais ser dito sobre eles” in **Povos Indígenas do Tocantins: desafios contemporâneos**. Reijane Pinheiro da Silva (org.) Palmas:Nagô Editora, 2015.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

DOREA, J.de C. **Etnografia e fotografia**: reflexões sobre as fotografias etnográficas de Pierre Fatumbi Verger. Dissertação de Mestrado-Universidade federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2009. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/92976>. Acessada em 21/05/2018.

DEMO, P. **Metodologia do Conhecimento Científico**. São Paulo/SP: Editora Atlas, 1989.

ELHAJJI, Mohammed. Comunicação, Cultura e Conflitos: uma abordagem conceitual *in* **Comunicação e Cultura das minorias**. (Orgs. Alexandre Barbalho, Raquel Paiva. São Paulo: Paulus, 2005

GALLOIS, D.T; CARELLI, V. **“Índios eletrônicos”**: uma rede indígena de comunicação, 1998. Disponível em: <https://biblat.unam.mx>, acessado em 30/05/2017

GEERTZ, C. **A Interpretação da Cultura**. Rio de Janeiro/RJ: LTC, 2015.

MARCUSCHI, L A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo/SP: Cortez, 2001

NILO, A.T.L; COUTINHO, I.M da S **A (in)visibilidade das vozes indígenas nas narrativas da TVE-TO: o papel da comunicação pública na (des)construção da cultura regional**. Trabalho apresentado no II Simpósio Internacional Comunicacion y Cultura: Problemas y Desafios de la Memoria e História Oral, Colima-México, Abril de 2017.

_____ **A Temática dos Direitos Indígenas diante dos princípios do Telejornalismo público: análise de narrativas da TVE-TO¹**. Trabalho apresentado no 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação-Intercom-Curitiba, 2017.

_____ **(Des) caminhos da participação popular em TV pública: pautas e narrativas indígenas na TVE-TO** Trabalho apresentado no IV Congresso Latino-Americano de Ouvidorias das Audiências de Mídia, UnB, Brasília, Outubro, 2017.

_____ **Os Direitos Indígenas na agenda pública dos Direitos Humanos- uma pauta que perpassa nas narrativas da TVE-TO**. Trabalho apresentado no 15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da SBPJor, ECA/USP – São Paulo, Novembro, 2017

_____ **A atuação de Conselhos sociais e governamentais e os seus efeitos no (des)cumprimento de direitos e deveres no respeito à etnodiversidade cultural: a pauta da temática indígena na TVE-TO** . Trabalho apresentado no I Congresso Internacional de AGACOM-Santiago de Compostela-Espanha, Novembro, 2017.

RIBEIRO, Berta Gleizer. **O Índio na História do Brasil**. São Paulo/SP: Global editora, 2001.

SAUTCHUK, C.E. **Flor D'Água: fotografia e etnografia**. PROA:Revista de Antropologia e Arte, V I, 15pp.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

WEN,L; HUPSEL,R; CAMPOS,R. **Iconografia fotográfica dos Povos Indígenas do Brasil.** Projeto do XII Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia, 2012.

THOMPSON, J.B. **A mídia e a modernidade** - uma teoria social da mídia. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.